NOTICIA HISTORICA

SOBRE A

VIDA E POESIAS

DE

JOSÉ ELOY OTTONI,

POR

Theophilo Benedicto Ottoni.

Rio de Janeiro,

TYP. IMP. E CONST. DE J. VILLENEUVE E COMP.,

RUA DO OUVIDOR N.º 65.

1851.

NOTICIA HISTORICA

SOBRE A

VIDA E POESIAS

DE

JOSÉ ELOY OTTONI.

Nasceu José Eloy Ottoni no 1° de dezembro de 1764 na villa do Principe (hoje cidade do Serro) da provincia de Minas Geraes.

Filho legitimo de Manoel Vieira Ottoni e D. Anna Felizarda Paes Leme, José Eloy Ottoni descendia pelo lado paterno de Jorge Benedicto Ottoni e de seu pai Manoel Antão Ottoni, que em principio do seculo passado, foragido de Genova, se asylára em Portugal, e que depois de 15 annos de residencia em Lisboa obtivera honrosa carta de naturalisação com data de 7 de dezembro de 1723, registada em 12 de julho de 1727 no senado da camara da cidade de S. Paulo, para onde se transportára a familia Ottoni.

Pelo lado materno descendia de João Gomes de Abreu Rego, natural de Braga, e de sua mulher D. Rita de Godoy Moreira, natural de S. Paulo.

O pai de José Eloy Ottoni, fiel ás tradições que seus antepassados trouxerão da Italia, desvelou-se em dar a seus filhos uma educação liberal. Tinha numerosa familia, e apenas 400$ de ordenado, como fundidor que era na intendencia do ouro da villa do Principe; mas, inspirado pelo amor paterno, soubera multiplicar os seus recursos trabalhando incansavel

n'uma officina de ourives, emquanto os filhos cultivavão sua intelligencia, applicando-se ás bellas-letras.

Depois que completarem os seus estudos, dizia em familia o velho Manoel Vieira Ottoni fallando dos filhos, um será ferreiro, outro alfaiate, se de outro modo não puderem ganhar honradamente a vida; mas o filho de Manoel Vieira, ferreiro ou alfaiate, ha de obter no mundo mais alguma consideração do que o commum dos ferreiros e alfaiates.

Cedo o velho ourives principiou a colher o fructo da sua ternura e desvelos paternaes. O joven José Eloy, tendo cursado com louvor a aula de latinidade no Arraial do Tejuco, hoje cidade Diamantina, e sendo dado por prompto pelo professor, reclamou perante o pai contra a approvação do mestre, e obteve ser enviado ao collegio de Catas-Altas, então muito afamado, dizendo que desejava familiarisar-se com todos os segredos e bellezas da lingua latina e encetar o aprendizado de outras humanidades. Tal era, porém, o adiantamento do estudante do Tejuco, que o director do collegio de Catas-Altas, ouvida a sua primeira lição, o tomou por collega no magisterio da grammatica latina, e a seu pai escreveu, não só agradecendo o auxilio que lhe déra em um tal discipulo, como, demais, franqueando gratuitamente o internato do collegio a todos os seus outros filhos, emquanto ali estudasse e ensinasse o primogenito.

Facilitada assim a educação de seus filhos, e lisongeado em seu amor proprio de pai com as glorias que José Eloy Ottoni conquistára no collegio de Catas-Altas, o velho ourives, multiplicando as economias e o trabalho, conseguio surtir um peculio com que o filho, ainda adolescente, pudesse viajar e instruir-se na patria das letras, e berço de seus antepassados.

Foi sob o sol risonho da Italia que desabrochárão os talentos e genio poetico do joven Ottoni. E quem, se lhe arder n'alma uma centelha só do estro divino, aspirando as auras deliciosas da Ausonia, não revelará em versos eloquentes essas sensações indefiniveis que M^me^ de Staël empresta a Corinna no seu improviso do Capitolio?

José Eloy Ottoni, profundo conhecedor da latinidade, quiz pois ensaiar-se na metrificação, estudando nos proprios lugares as bellas descripções de Virgilio, e vertendo as Georgicas em verso portuguez: infelizmente deste, como de muitos trabalhos seus, não restão vestigios.

Entregue simultaneamente aos seus ensaios poeticos, aos estudos, e á contemplação das maravilhas de Roma; afferrado ás idéas religiosas em que fôra educado, e a que se conservou sempro fiel; enlevado nas abstracções contemplativas de um espirito enthusiasta, o joven Ottoni esteve por vezes resolvido a tomar o estado ecclesiastico; não chegou, porém, a fixar-se nesta resolução, e voltando por Lisboa para a sua terra natal, aceitou, na falta de outro meio de vida, a cadeira de latim da villa do Bom Successo, hoje cidade de Minas Novas.

No anno de 1791 ou 1792 encetou o exercicio deste emprego, e pouco depois desposou-se com a Sra. D. Maria Rosa do Nascimento Ottoni, filha do coronel Manoel José Esteves. Teve dous filhos, o Sr. Honorio Esteves Ottoni, e D. Eduviges Esteves Ottoni, que ainda existem em Minas Novas em companhia de sua veneravel mãi.

O tempo da residencia de José Eloy Ottoni em Minas Novas foi justamente a época do terror jacobino em França, e do terror realista em Minas. Minas tinha tido a gloria de comprehender que o Brazil podia dispensar a tutela portugueza, e que estava em circumstancias de seguir e imitar o exemplo grandioso que, já então, estavão dando ao universo maravilhado os Estados-Unidos da America; porém infelizmente o Arnold, denunciante e espião da metropole, appareceu no Brazil antes que os patriotas se houvessem organisado, e quando não estavão ainda preparados para uma leva de broqueis. Assim o glorioso projecto da independencia da patria, aceito já por uma legião de grandes cidadãos, que da America do Sul terião dignamente respondido ao brado heroico dos Washington e dos Jefferson, teve de ser abafado antes de ver a luz.

O cadafalso em que o chefe da conspiração de Minas, o denodado Joaquim Xavier da Silva Tira-Dentes, expiou o crime de amar ao seu paiz; o padrão de (supposta) infamia que uma sentença iniqua mandou erguer em Villa Rica, hoje Ouro Preto, sobre o assento da casa arrasada do patriota mineiro; o martyrio dos que sobrevivêrão, e que estavão soffrendo um assassinato mais lento e mais doloroso nas arêas inhospitas da Africa; tudo isto dá bem clara idéa do estado de Minas nos annos que se seguirão á terrivel catastrophe, chrismada, segundo a ordenação do livro 5°,—a inconfidencia.

E n'uma crise tão nefasta, quando fôra crime ainda o carpir os infortunios da patria, José Eloy Ottoni achou-se naturalmente

confinado entre as paredes de sua aula de latim, e os cuidados do lar domestico. Assim decorrêrão annos; mas rico de sciencia, com uma imaginação poetica vivissima, conscio do proprio merito, o professor de latinidade de Minas Novas não podia deixar de aspirar a um theatro mais condigno dos seus talentos. Regressou pois a Lisboa, não só para melhorar de posição, como para cobrar seus ordenados, cujo atraso de alguns annos o obrigava, a pezar seu, e com sacrificio de sua nativa dignidade, a viver com sua familia ás sôpas de seu sogro.

Em Lisboa viveu José Eloy Ottoni vida de poeta e de pretendente. Entregue ás inspirações das musas, foi muito tempo companheiro inseparavel de Bressani e de Bocage. Na sua velhice commemorava elle com saudade as noites de uma certa Arcadia poetica, em que o primeiro lugar era disputado pelos tres vates amigos, e contava anecdotas muito curiosas de suas excursões com Bocage aos arrabaldes de Lisboa. Conquistou nesse tempo a amizade do conde dos Arcos, de Francisco Villela Barbosa, depois marquez de Paranaguá, e de outros litteratos e poetas de nomeada, entre os quaes mencionava com enthusiasmo a fallecida marqueza de Alorna, então condessa de Oyenhausen. O talento poetico desta senhora era tido em grande apreço por José Eloy Ottoni, que manifestou a sua admiração em muitas poesias a ella dedicadas: d'entre estas uma epistola conservo eu, escripta de seu proprio punho, em a qual, saudando com vivos applausos a traducção que a condessa fizéra dos quatro primeiros cantos do celebre poema — Oberon, — empenhava José Eloy seu valimento de poeta para que a filha das musas enriquecesse tambem o idioma vernaculo com a traducção do 5º canto. Darei uma amostra da epistola (a Lilia):

Sobre um Vesuvio de Apolineo fogo,
Na quinta estancia de Oberon te espero.
Vôa sobre os heróes, Aguia do Pindo,
Os seres immortaes te acenão, vôa.
Não suspendas o canto, ó vate, ó vate,
Cheio do Deos.... o Deos por ti me inspira....
As cordas d'ouro me resoão n'alma....
Lilia! Lilia! eu te invoco, attende, attende,
Meus votos ouve, meu delirio acolhe.

E depois de analysar os cantos traduzidos, insiste o poeta pelo 5º que faltava.

Chega o termo fatal, o heróe que assoma
Nutrindo a frágoa d'um suspiro ardente,
A esperança de Resia, occulto, envolve.
Do ameno harem á scena deleitosa,
Tu me elevas, me encantas, me arrebatas.
Dá-me, oh Lilia, o heróe, a acção o exige,
Entregue ao somno ainda Hugon repousa.
. . . . . .
Tu reforças o vôo, a chamma acendes....
Ah! não tardes, afouta o plectro empunha,
Do festim nupcial desprende a lyra;
Teu estro encantador meu estro fôra!
Sobre o bifido monte eu me inflammára,
Mysterios de Oberon só te pedira.
. . . . . .
Quanto pôde Oberon teus versos podem.
. . . . . .
Tu não deves negar á patria os louros;
Eia, Lilia, Oberon... prosegue, acaba.

Ignoro se a condessa de Oyenhausen accedeu ás supplicas do seu admirador, e completou a traducção, que á vista do exposto, deveria rivalisar com a bella versão que temos do nosso mestre Philinto Elysio.

Da epistola mencionada supponho coéva, até por estarem ambas escriptas no mesmo papel, uma outra, que, vou aqui estampar, e que no meu humilde parecer justifica o juizo de um illustrado critico, o espirituoso e suave traductor de Ernani, o qual, escrevendo uma noticia fugitiva sobre a vida e talentos de José Eloy Ottoni, entendeu que « em poesias de amor nunca houve poeta mais terno, e que soubesse convencer com mais philosophia e ternura que os sexos nascêrão para se amarem. »

E, seja dito de passagem, essas flôres com que o illustre poeta fluminense amenisou recentemente a lousa do poeta mineiro, são condigna retribuição de bellos versinhos em latim e portuguez com que José Eloy honrára outr'ora as cinzas do nosso padre Antonio Pereira de Souza Caldas.

EPISTOLA.

Soprando a chamma do aquecido engenho,
Batendo as azas da razão liberta,
Desprende o vate a supprimida penna
Da força occulta que lhe tolhe o rasgo.

Não teme o vento rugidor, não teme
A nuvem grossa que o trovão despeja:
Transpondo o espaço, que ás idéas obsta,
Navega afouto sobre o livre espaço.
Não cuides, Lilia, que eu avance ousado
Além da meta circumscripta aos vates;
Da patria amigo, o cidadão respeito,
Respeito as leis, a religião, o Estado;
Quando cheio de Apollo ás nuvens mando
Meus pobres versos, da desgraça filhos,
O mesmo Numen, que os inspira e move,
Bafeja, e manda que inspirados devão
Partir de um ponto, que no centro é fixo.
Salvando o golfão, que as paixões exhala,
Sem mancha, livre d'infecção, seguro
Do bafo crestador, que a mente empola,
Não sirvo ao premio da lisonja escravo;
Arrasto os ferros que os mortaes arrastão.
Eu amo, ó Lilia, e se o amor é culpa,
De ser culpado não s'exclue quem ama.
Não zombe o sabio de me ouvir, attenda,
Escute o sabio a voz da natureza.
As plantas vivem porque as plantas amão;
Ao tronco unidas, quando os olmos brotão,
Brotão as verdes trepadeiras heras.
Não curva os braços verdejantes, ergue
Soberba o collo, e demandando as nuvens,
A palmeira recebe, acolhe, afaga
Suspiros ternos que a saudade envia
No bafo meigo do amador distante.
Se o fido esposo que de longe exhala
O suoco ethereo, que vegeta e nutre,
Cedendo a força malfazeja, expira;
A esposa, logo que a exhalar começa
Do fluido exhausto o deprimido alento,
Sequiosa pergunta, affavel pede
Noticia ao vento, que lhe nega e foge;
Não vive a esposa quando o esposo acaba,
Perdendo a força nutritiva perde
O vigor da união que a enlaça e prende;
E do esposo chorando a perda infausta,
Convulsa treme, solitaria morre.
Reflecte, ó Lilia, nos purpureos gomos,
Fecunda prole do virgineo fogo,
Que acende o pejo da engraçada Flora,
Vê, como a força vegetal rebenta.
A aurora ha muito que bafeja o leito
Da florifera Venus, do engraçado,
Formoso Adonis, que em consorcio unidos
Prestavão firmes os solenmes votos
Qu'exige a prole de brincões amores.
Depois que a tocha nupcial acende,

O purpureo Hymeneo dá vida ás flôres,
Acode aos gomos, e rebenta o germen.
Não pára o fluido, os filamentos inchão,
Rebenta o calix, e os amantes soltão
Do peito o aroma que perfuma os ares.
Oh santa, oh justa, oh sabia natureza!
Como é possivel desligar-se um ente,
Que á mesma especie de outro ente e unido:
Os volateis no céo, no mar os peixes,
O pequeno reptil, o insecto informe,
Os entes do universo.... ou nada existe,
Ou cada especie á sua especie é unida.
E se um ente mais nobre existe, o homem,
Se uma hydraulica mais sublime o nutre,
Qu'efficaz attracção, que força activa
Dispõe de um ente, que o autor dos entes
Manda que impere aos entes do universo,
Não por orgulho, sim por excellencia
De um principio, que o move, anima e nutre!

As reminiscencias do seu paiz, e as saudades de sua familia, a que aliás não se resolvia a vir reunir-se emquanto não melhorava de fortuna, preoccupavão o espirito do poeta, e os dous seguintes sonetos, que dirigio de Lisboa a sua senhora e a seus dous filhinhos, são o espelho de sua alma. O primeiro é uma bella imitação do soneto de Bocage — *Sonhei que nos meus braços reclinada*, — e está de mais assasonado com a deliciosa suavidade da ternura paterna com que Boccage não podia embellecer as suas poesias. O segundo é tambem imitação da prosopopeia de Nasão, no seu livro dos *Tristes*.

Parve (nec invideo) sine me liber ibis in Urbem
. . . . . .
Longa via est, propera, nobis habitabitur orbis
Ultimus, a terra terra remota mea.

E' certo que o *Ponto-Euxino* do nosso poeta era Lisboa, e o seu desterro até certo ponto voluntario; mas a melodia dos queixumes, a esperança de que a sua Marilia se condoesse do ausente, semelhão bem os sentimentos de Ovidio:

Invenies aliquem, qui me suspiret ademptum
Carmina nec siccis per legat ista genis.

Eis os dous sonetos:

1.°

Sonhei, Marilia, que comtigo estava,
Que o tenro Honorio alegre me dizia:
Meu pai! apenas este nome ouvia,
Suspenso nos meus braços o apertava,

Que a pequena Eduviges reparava
No meu semblante; como que sorria:
Que os braços amorosa me estendia,
E que eu chorando as faces lhe beijava.

Antes, Marilia, o sonho eu não tivera!
Nos braços da saudade despertára,
Porém dôr tão pungente não soffrêra:

Sonhei, Marilia, o que antes não sonhára,
Pois passando de um gozo ao que não era,
Sem filhos, sem Marilia não me achára.

2.°

Marilia! mal formados caracteres
Apenas eu te envio; aos patrios lares
Uma cópia darás de meus pezares.
Um retrato de meus fieis deveres.

Vai, oh! carta feliz, não consideres
Que tens de atravessar soberbos mares!
E quando o paço de Marilia entrares,
Beija-lhe a mão formosa, se poderes.

De mim talvez Marilia se condôa....
Dize-lhe?! eu venho do formoso Tejo,
Dize-lhe.... oh dôr!... eu venho de Lisboa!

Quanto, oh carta feliz, quanto te invejo!...
Vai.... arranca-lhe um ai magoado.... Vôa
Nas brancas azas de um feliz desejo.

Occupado com as musas, pedia o poeta sua subsistencia ás bellas letras; e a um curso de rhetorica que abrio em Lisboa concorrião, não só numerosos discipulos, como tambem constantemente um auditorio escolhido de litteratos, amigos e admiradores que vinhão recrear o espirito ouvindo as suas lições de eloquencia.

E dest'arte procurava José Eloy Ottoni esquecer-se do mallogro perenne de todas as suas aspirações de pretendente. Presenciára de Lisboa os portentosos acontecimentos com que

se encerrou o seculo XVIII, e os não menos importantes com que o actual foi inaugurado. Apezar de que as circumstancias precarias de sua fortuna, e a posição de pretendente por longos annos, o arredassem dos perigos da politica, foi sómente a sua orthodoxia religiosa que o livrou de ir visitar os carceres da Inquisição. E' sabido que os governos de D. Maria I, e do principe regente, quando querião descartar-se de algum subdito importuno, e não tinhão coragem para fazê-lo abertamente, recorrião ao Santo Officio, que lhes servia de algoz.

Foi assim que no anno de 1799, apparecendo em Lisboa Joaquim José Vieira Couto, como procurador dos povos do paiz diamantino, para requerer contra os despotismos que praticavão no Serro do Frio os intendentes dos diamantes, porque fallasse com mais alguma afouteza, queixando-se da oppressão que pesava sobre seus miseros compatriotas, lá foi ter ás prisões do Santo Officio, conjunctamente com o celebre Hippolyto, que fugindo milagrosamente aos Torquemadas portuguezes, foi para Londres escrever o *Correio Braziliense*, que tanto servio e honrou a nossa patria. O companheiro de Hippolyto era, além de comprovinciano, primo irmão de José Eloy Ottoni, que ousando solicitar em favor do seu parente, teve insinuação de um dos inquisidores para esconder o parentesco que o ligava ao proscripto, revelando-se-lhe estas palavras que forão attribuidas ao principe: « O Couto e o Hippolyto são capazes de revolucionar o reino, e o que é mister é conhecer-lhes os amigos. » Por amor á verdade cumpre declarar que José Eloy Ottoni não se comprometteu com os perseguidores do seu parente e compatriota, o qual jazeu nos calabouços do Santo Officio até 1807, quando, fugindo para o Brazil o principe regente e a familia real, foi solto por Junot a pedido da maçonaria portugueza.

No acto da invasão franceza era José Eloy Ottoni secretario da embaixada portugueza em Madrid, e presentindo que o conde da Ega, enviado extraordinario, cedia a suggestoes antinacionaes, cortou por todas as consideraçoes que naquelle momento o prendião junto do conde, e retirou-se para o Brazil. Veio viver de novo a triste vida de pretendente sem nada poder obter, porque apezar de ter abandonado a embaixada portugueza logo que lhe ella pareceu connivente com o estrangeiro; apezar do eloquente protesto que fez contra os Francezes na glosa da celebre oitava de Camões — *Deu signal*

a trombeta castelhana, — publicada em 1808, e colligida em 1828 no *Parnaso Brazileiro* pelo fallecido conego Januario da Cunha Barbosa, teve o sentimento de ver posta em duvida a sua fidelidade de subdito portuguez. Em varios outros documentos mostrou José Eloy repellir toda a idéa de connivencia com os invasores da Peninsula; notadamente em uma ode aos annos de Jorge IV da Inglaterra, offerecida a lord Strangford, e n'uma serie de dialogos com o titulo — *Os amigos da virtude*, — de que tenho os originaes em meu poder.

Acolhido com frieza pelo principe regente, saudoso da bella sociedade que deixára além do Atlantico, José Eloy Ottoni entregou-se ao estudo da Escriptura Santa, traduzio e paraphraseou muitos psalmos da igreja, e compôz cantigas e versos devotos que alguns jornaes, e especialmente a *Tribuna Catholica*, tem procurado vulgarisar. O *Stabat mater* foi traduzido por esse tempo e o *Miserere:* a glosa seguinte de um dos versetos desta traducção parece conter um voto, a que o traductor em maxima parte cingio-se dahi em diante, de não mais se occupar com objectos profanos. O verseto é o seguinte: « *Domine labia mea aperies et os meum numtiabit laudem tuam.* » Eis a traducção:

Unge meus labios, Senhor!
Voarei á Divindade,
Será o Eterno meu canto,
Meu instrumento a Verdade.

GLOSA.

I.

A lyra, que á flôr dos annos
Consagrei, cantando objectos
Tão futeis, como indiscretos,
Hoje é só prestigio e damnos.
Encontra só desenganos
Quem busca em trévas amor:
Mas eu presinto o calor
De nova luz que me inspira;
Agora dá-me outra lyra!
Unge meus labios, Senhor!

II.

Manda a luz que aponte a lei,
Dá-me o tom que o plectro afaga,
Os caracteres apaga,
Que *eu* por delirio gravei.
Tombem quantos entoei
Hymnos de amor ou vaidade:
Seguindo a luz da verdade,
Que brilha de quando em quando,
Ao pó da terra escapando,
Voarei á Divindade.

III.

Heróes, fortuna, grandeza
Que o tempo leva e consome,
Graças que morrem sem nome,
Attractivos da belleza,
Tudo é pó, tudo é fraqueza,
E' tudo miseria e pranto;
Ou desdobre a noite o manto,
Ou desponte a luz do dia,
Desenvolvendo a harmonia,
Será o Eterno meu canto.

IV.

Do que a terra e os céos m'inspirão
Os pregoeiros são estes,
Todos os corpos celestes,
Que em curvas orbitas gyrão,
Que innumeros sóes se virão
No centro da immensidade,
Na extensão da Eternidade,
Se eu abrangesse a harmonia,
A luz meu écho seria,
Meu instrumento a Verdade.

A despeito deste protesto significativo não se quebrou a lyra dos amores, nem esgotou-se a veia do epigramma. Neste ultimo genero, sobretudo, achou José Eloy Ottoni campo vasto em que exercer os seus talentos; mas no fim da vida, pouco antes de ser necessario que o juiz dos orphãos da côrte lhe nomeasse curador, fez o poeta medonho auto de fé de todas as poesias que lhe aprouve chamar profanas, e as reduzio a cinzas. Restão pois apenas na memoria de algumas pessoas da intimidade os fragmentos de innumeras composições amorosas e satyricas, cujos originaes forão pela mão do autor entregues ás chammas. Bem que na occasião deste incendio as faculdades intellectuaes do autor já estivessem em completo desarranjo, deu-se a singular circumstancia de que tendo elle nos mesmos bahús com os seus hymnos de *Amor ou Vaidade*, poesias licenciosas e lascivas, composição de Bocage e de Bressani, e escriptas pelo proprio punho de ambos, respeitou o genio de seus amigos, e deixou-as illesas.

Tenho de cór parte dos versinhos em que foi retratada uma bella. O autor vira um retrato a pincel, e quiz provar ao pintor que era uma temeridade a sua empresa.

Não debalde a natureza
Reproduzindo viçosa,
Creou nos vales o lyrio,
Creou nos jardins a rosa.

Não debalde desentranha
Da terra Pluto a riqueza,
Quando os artistas procurão
Imitar a natureza.

Não debalde a linda Estrella
Que é precursora do dia,
Descobre a face risonha
Quando o sol nos annuncia.

Não debalde.... Céos! aonde
Me arrebata o pensamento?
Irei perder-me no abysmo
De vozes soltas ao vento?

Céos! mandai-me as finas côres.
De que Phebo se enamora,
Ou no matiz do Horizonte,
Ou nas lagrimas da Aurora.

Eu teço um quadro divino,
Eu quero Julia pintar;
Não acho côres na terra
Com que a possa retratar.

Apenas póde imitar-lhe
A linda côr pudibunda
Por entre jasmins nevados
A papoila rubicunda.

Os puros labios pintar-lhe
Não póde a côr de rubim,
E á vista dos alvos dentes
Não é tão alvo o marfim.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

O quadro é digno de Jove,
Não é de engenho, nem d'arte.

Dos seus numerosos epigrammas resta um ou outro, como — *O Machiavel desdentado*, o *Alcaxofar do Prégador*, — e poucos

outros. No entanto a côrte de 1810 deu que fazer á musa de José Eloy Ottoni. A J. P. de Castro dirigira elle umas quadrinhas um tanto sarcasticas, em que vinhão allusões ao Real Erario. Castro quiz vingar-se, e para interessar na sua vingança o thesoureiro geral, que era, como se sabe, o *totum continens* do Erario, leu-lhe as quadrinhas; Targini, homem de letras e distincto poeta, em vez de prestar-se á pequenina vingança, applaudio o epigramma, e recommendou á admiração do seu interlocutor um soneto que tirou da sua gaveta, e de que se póde ajuizar pelo seguinte quarteto:

Colbert, Sully, Pombal, tudo isso é historia.
Do aurifero Brazil pomposo Erario,
Quer na etiqueta quer no formulario,
De um genio mais sublime aponta a gloria.

Cumpre porém confessar que a lyra dos amores e a veia do epigramma erão passatempos fugitivos, e que desde o seu regresso de Lisboa não teve o nosso poeta outra occupação seguida senão o estudo dos livros sagrados, de que a cada passo tirava edificantes lições dirigidas em versinhos d'arte menor a seus filhos em Minas Novas.

Em nota á uma destas lições em verso vem a seguinte declaração do autor: « Que de todas as accusações que se lhe fazião só não desprezava a de impiedade, porque a essa respondia no presente a sua vida, e no futuro o fructo que o seu engenho tirasse dos livros sagrados. »

Em 1811 passou-se á Bahia, onde, por alguns annos, residio em casa do conde dos Arcos; lá, fiel ao compromisso que acabo de referir, publicou em 1815 a traducção dos proverbios de Salomão, obra que logo se vulgarisou nas escolas de primeiras letras da provincia de Minas, porque foi protegida e officialmente recommendada pelo ultimo capitão-general o integerrimo D. Manoel de Portugal e Castro.

Na prefação do seu interessante livro diz José Eloy: « Eu não conheço um codigo de moral tão puro como os proverbios de Salomão; em ethica é tudo quanto os homens de todos os seculos puderão descobrir de mais justo, mais santo, e mais necessario. » Abra-se ao acaso um capitulo dos *Proverbios*, e ver-se-ha como o traductor soube exprimir em bella poesia os preceitos de Salomão. Tomarei por exemplo as *palavras do rei Samuel*, explicando ao filho os dotes de sua consorte.

I.

Quem achará mulher forte?
Seu valor e preço encerra
Mais do que as perolas finas
Da extremidade da terra.

II.

O marido satisfeito
Na esperança se mantem
De que ella, emquanto fôr viva,
Lhe tornará sempre o bem.

III.

Trabalhando a lãa e o linho
Sem se dar a objectos vãos,
Mostra que é sabia e engenhosa
No trabalho de suas mãos.

IV.

Antes que o dia amanheça
Se levanta do aposento,
Para prover a familia
Do necessario sustento.

V.

Considerando as vantagens
Do campo que ella comprou,
Co'as proprias mãos sem cessar
Cavando, a vinha plantou.

VI.

Ama o trafego em que vive,
Porque aos bons a industria affaga;
A sua alampada, ardendo
Toda a noite não se apaga.

VII.

Ella abre as mãos á indigencia,
Estende os braços ao pobre:
Soccorrer aos desgraçados
E' prenda d'uma alma nobre.

VIII.

A incommodar-lhe a familia
Debalde o tempo se atreve;
Não entra em roupa forrada
Rigor de frio ou de neve.

IX.

Tapeçaria e brocados
Nos seus moveis se conhecem;
Em todos os seus vestidos
Linho e purpura apparecem.

X.

Abrindo a boca ella espalha
O clarão da sapiencia;
O pejo mora em seus labios,
Na sua lingua a clemencia.

XI.

Examinando a familia,
Conservou sempre bondade;
O pão do proprio sustento
Não comeu na ociosidade.

XII.

A mais feliz creatura,
Oh! tu bemaventurada!
Teus filhos assim te chamão,
Por teu marido és louvada!

XIII.

Muitas filhas ajuntárão
Bellezas á formosura;
Mas tu, excedendo a todas,
E's mais formosa e mais pura.

XIV.

A graça e belleza é um dote
Que murcha assim como a flôr;
Meu filho, louva, e procura
Mulher que teme o Senhor.

E' n'um dos capitulos dos — *Proverbios* — que vem o tão fallado texto — *Per me reges regnant*, — o qual, traduzido como o servilismo o traduzio — *o poder dos reis vem de Deos*, — foi a origem desse *devaneio* que a Europa chama — *legitimidade*.

Sem se afastar um ápice do sentido rigoroso da *Escriptura*, a *Paraphrase dos proverbios* torna patente que para derivar de tal fonte a doutrina ultramontana de que — *o poder dos reis vem de Deos*, — foi mister recorrer-se a mais de uma fraude piedosa. Porquanto não sómente se destacárão aquellas palavras de um corpo geral de doutrina, que toda se resume assim — a sabe-

doria é a regra de bem proceder para todas as idades, estados e condições, — como além disso subentendeu-se que o — *me* — do fragmento subtrahido era ali pronome de — *Deo*, — quando sómente o é de *sapientia*.

Eu vou collocar o texto latino ao lado da paraphrase, e tenho assim boa occasião não só para demonstrar a minha asserção, como para facilitar meios e dados com que os entendedores possão reconhecer que com os seus profundos conhecimentos philologicos em latinidade e na lingua vernacula, com a elegancia de sua dicção, com a pureza de sua linguagem castiça, José Eloy Ottoni era verdadeiramente um tra ductor de genio.

Cap. 3º dos Proverbios de Salomão.

12.

Ego sapientia habito in consilio, et eruditis intersum cogitationibus.

12.

Eu sou a sabedoria
Que delibero em conselho;
Assisto aos judiciosos,
Tanto ao moço como ao velho.

15.

Per me reges regnant, et legum conditores justa decernunt.

15.

E' por mim que os reis imperão
Nos corações por amor;
As minhas leis é que formão
O sabio legislador.

18.

Mecum sunt divitiæ, et gloria, opes superbæ, et justitia.

18.

Os thesouros da abundancia
Pelo meu braço se entornão,
Riquezas, gloria, justiça,
Magnificencia me adornão.

20 e 21.

In viis justitiæ ambulo, in medio semitarum judicii: Ut ditem diligentes me et thesauros eorum repleam.

20 e 21.

Nos caminhos da equidade,
Nas veredas da prudencia,
Com quem me ama eu reparto,
Além de amor, opulencia.

22.

Dominus possedit me in initio viarum suarum, antequam quidquam faceret á principio.

22.

Na mente eterna increada
O Senhor me possuia:
Antes de haver creatura
Eu já coeterna existia.

26.

Adhuc terram non fecerat et fulmina et cardines orbis terræ.

26.

No globo o cahos ainda
Não mostrava o que elle encerra,
Nem dos rios a corrente,
Nem os dous polos da terra.

27.

Quando præparabat cœlos, aderam: quando certa lege et gyro vallabat abyssos:

27.

Quando o autor do firmamento
Aos abysmos prescrevia
Certas leis, a tudo estava
Presente a sabedoria.

28 e 29

Quando æthera firmabat sursum, et librabat fontes aquarum:
Quando circumdabat mari terminum suum, et legem ponebat aquis, ne transirent fines suos: quando appendebat fundamenta terræ:

28 e 29.

Ou no equilibrio das fontes,
Sustendo as nuvens no ar,
Regrando o peso da terra,
Pondo limites ao mar:

30.

Cum eo eram cuncta componens, et delectabar per singulos dies, ludens coram eo omni tempore.

30.

Eu fui o Grande Architecto
De que o autor lançou mão;
Diante delle eu fui sensivel
Ao prazer da creação.

32.

Nunc ergo, filii, audite me: beati qui custodiunt vias meas.

32.

Portanto agora que eu fallo
Escutai, ó filhos meus,
Vós, ó bemaventurados
Se abraçais a lei de Deos.

Feita esta transcripção, me limitarei, quanto ao merito do traductor, a pedir aos leitores que me honrarem com a sua attenção, que confrontem acuradamente o texto latino com a traducção, e verificarão que nem uma só idéa, nem uma só palavra do original deixou de ser conveniente e elegantemente reproduzida na paraphrase.

E quanto ás observações politicas que me abalancei a fazer ácerca do *Per me reges regnant*, como origem da legitimidade, tambem cuido ficar manifesto:

Que a doutrina de Salomão neste capitulo reduz-se á declaração de que nada se póde fazer sem a sabedoria;

Que a sabedoria é coeterna com a Divindade, de quem foi o grande Architecto na creação;

Que só pela sabedoria se póde obter a abundancia, a gloria e a justiça;

Que é pela sabedoria que os legisladores *(conditores legum)* podem fazer leis sabias *(justa decernunt)*;

E que, finalmente, é só pela sabedoria que os reis podem governar *(per me reges regnant)*;

E que, por conseguinte, o tão fallado texto a que se arrima o devaneio da *Legitimidade* é a theoria das capacidades que Guizot explica no seu livro sobre o systema representativo; é

a doutrina de Alexandre Magno quando legou o seu imperio *ao mais digno;* e é emfim a mesma theoria em virtude da qual forão elevados á presidencia dos Estados-Unidos os Washington, Jefferson, e os Adams. E' uma regra de deveres, e não uma declaração de direitos.

No tempo da publicação da paraphrase dos proverbios já José Eloy Ottoni se occupava seriamente com a traducção do livro de Job. E desejando castigar e aperfeiçoar esta obra, guardou-a largo espaço de tempo, seguindo o preceito de Horacio — *nonumque prematur in annum.* — Bem sabia o poeta que emquanto os materiaes da sua composição estivessem encerrados no gabinete, erão susceptiveis de todas as transformações que o seu genio lhe suggerisse, mas que uma vez divulgados pelas mil tubas da imprensa, terião de correr o mundo com as imperfeições que houvessem escapado ás primeiras revisões, visto que não ha possibilidade de fazer voltar atrás a voz que uma vez soltou-se ao vento.

Membranis interpositis delere licebit
Quod non edideris; nescit vox missa reverti.

E não se limitou o poeta a empregar os recursos da propria intelligencia no exame e aperfeiçoamento do seu trabalho. Fiel sempre aos preceitos do mestre Horacio:

Et metii descendat judicis aures
Et patris et nostras

appellou para o criterio de varoes esclarecidos em humanidades e nas sagradas letras, entre os quaes parece-me que posso contar o Exm. e Revm. Metropolitano do Brazil. O certo é que S. Ex. Revm., ha dez annos, em conversação particular, que tomo a liberdade de commemorar em razão do assumpto, mencionou honrosamente a traducção do livro de Job, e pareceu acolher com satisfação a segurança que dei de que esse trabalho do meu parente teria de ser dado aos prélos.

Já então o original fôra promettido por José Eloy a seu irmão predilecto Jorge Benedicto Ottoni, meu pai, e effectivamente foi-lhe depois entregue por intermedio do Dr. Manoel Esteves Ottoni, neto do traductor. Tenho em meu poder a traducção

completa, dividida em trinta e quatro capitulos, com mais de tres mil versos, toda escripta do proprio punho do traductor, e brevemente será ella offerecida ao publico. Alguns capitulos estão escriptos em duplicata, e mesmo com diversas variantes:

Multa dies et multa litura cœrcuit, atque
Perfectum decies.... castigavit ad unguem.

Darei ao benevolo leitor uma amostra da traducção do livro de Job. E' o quadro das desgraças que Satan amontoou sobre a cabeça do varão justo, e o da piedade e resignação com que elle soube nesse mesmo trance abençoar a mão da Providencia.

Extrahido do Cap. 1º.

.... Risonho e circumspecto
Dos filhos o mais velho á mesa estava,
Unido a seus irmãos em doce affecto,
Mensageiro que subito chegava:
« Cessou, eis disse a Job, o amanho á terra
Que o rude camponez c'os bois lavrava.
Nem jumenta, nem touro orneja e berra.
Absorve o roubo o que escapou da espada,
De repente os Sabeos nos fazem guerra.
Tudo a ruina envolveu, tornou-se em nada
A lavoura, e domesticos; apenas
Eu, que á morte escapei, fugindo á estrada,
Venho dar-te esta nova. Oh dôr! E ordenas
Que o teu raio, senhor, no céo ribombe....
Que abrase, ou dobre do teu servo as penas?
Mas antes que o terror das trévas tombe....
(Inda aquelle fallava, eis outro grita:)
« Que funesta, que lugubre hecatombe!
Nuvem negra rasgou sulfurea fita,
Que ovelhas consumio, tragou pastores.
Foi sentença do céo, com fogo escripta. »
Inda não acabava. Eis salteadores.
. . . . . .
. . . . . .
Lá vão camellos!... Lá se escuta horrendo,
Triplice estrondo, que no chão resôa....
Quadrupedantes esquadrões batendo.
Rapina e morte os corações magôa,
Da espada o fio vai cortando a eito...
Mas que novo desastre o campo atrôa!
Rebrama o noto, que traspassa o peito
Da banda do deserto (eis outro clama)

Que abala os troncos no seu proprio leito.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . Que doloroso
Espectaculo, triste e miserando,
Offerece o Justo em lance perigoso!
Apenas se ergue Job, no chão tombando
Cede ao peso d'angustia que o devora;
Os vestidos n'um extase rasgando,
Tosqueada a cabeça inclina, e chora....
Mas o céo, que não tarda, acode ao Justo,
Os olhos para o céo volvendo, o adora.
« Do seio maternal se a dôr e o susto
(Clama Job) me arrojou despido e pobre,
Em mágoa e pranto, que eu herdei sem custo;
A' madre terra, que os meus orgãos cobre,
Nú pretendo baixar. Bemdito o nome
Que abate o rico, o poderoso, e nobre!
Tu me déste, senhor, fartura e fome,
O que eu tinha, era teu, serás bemdito.
Pobreza, injuria, se te apraz que assome. »
Em tudo quanto Job nos deixa escripto,
O Justo, que em seus labios foi discreto,
Não commetteu sequer um só delicto.

A' fé religiosa, quando sincera, andão inseparavelmente unidos os sentimentos da humanidade. José Eloy tinha verdadeiro amor ao proximo, e não cessava de o manifestar em suas poesias. Citarei para exemplo uma Ode em que, tomando por epigraphe os versos de Virgilio

Quid non mortalia pectora cogis
Auri sacra fames!

estigmatisa os costumes dos senhores de escravos, lamentando que sacrifiquem

A' sacrilega fome do dinheiro
O resto desgraçado
Da trahida, venal humanidade,
O misero Africano.

E depois de descrever os penosos trabalhos do escravo na mineração, quando,

Sob alçapões de ruina
Metallico vapor, sulfureo bafo
Os bronchios lhe dilata;

exprime nos seguintes eloquentes versos o seu horror á escravidão:

Em vão se esforça a natureza e grita,
Em vão repugna e brama.
As leis communs da humanidade, os santos
Inviolaveis direitos
Que prescreve aos mortaes a liberdade,
Em vão, em vão repugnão;
A crua mão da força, o fraudulento
Espectro da maldade
Embaça a luz, e prostitue os entes
Do livre raciocinio.

O dia 26 de fevereiro de 1821 achou o nosso poeta occupado em lucubrações como aquellas de que acabei de dar noticia. No justo enthusiasmo de que se achou possuido por tão transcendente acontecimento, foi José Eloy ao theatro, e em presença do Sr. D. João VI e da côrte, repetio este bello

SONETO.

Portuguezes! A nuvem tenebrosa
Qu'offuscava a razão desapparece,
Desfez-se o cahos que a discordia tece:
Já se encara sem medo a luz formosa.

Dos erros a progenie maculosa
Baqueando em soluços estremece,
A justiça dos céos ao throno desce,
Marcando os fastos á nação briosa.

Lysia, berço de heróes, oh Lysia, alerta!
Cumpre que os ferros o Brazil arroje,
Seguindo o impulso que a razão desperta.

A expressão de terror desmaia e foge,
Graças á invicta mão que nos liberta;
Escravos hontem, sois Romanos hoje!

E' facil avaliar a sensação que no dia 26 de fevereiro de 1821 produzirião em o auditorio do theatro de S. João tão patrioticos versos. El-rei sentindo-se offendido com o fecho do soneto, não se pôde conter, e bradou: « Escravos não! vassallos. » Peior, peior!... replicou o auditorio. Assim, o soneto de José Eloy Ottoni, contra a intenção do seu autor, foi occasião

de serio conflicto entre o rei velho do seu camarim, e da platéa o povo verdadeiro soberano, que naquelle dia recobrava seus inauferiveis direitos.

Alternativas do mundo! O pretendente, que até então tinha debalde apparecido supplicante em milhares de audiencias, de cuja lealdade se havia duvidado em face, apenas fallou mais alto, e apresentou-se advogando a causa sagrada da regeneração da patria, como que para se lhe amortecer o fogo patriotico que inflammára a sua musa, obteve immediatamente um bom despacho para a Bahia; porém o governo provisorio daquella provincia, já reconhecia sómente a autoridade das côrtes geraes constituintes da nação portugueza, e José Eloy, tendo-se-lhe negado posse do seu emprego, seguio para Lisboa.

Teve lugar nesse anno a eleição dos 20 deputados por Minas para as côrtes, e José Eloy Ottoni foi um dos nomeados pelo grande collegio eleitoral da provincia, que, reunido em Villa Rica na fórma da lei, ali installou o primeiro governo provisorio de Minas. O soneto de 26 de fevereiro foi a profissão de fé que fez triumphar a candidatura de José Eloy, aliás tambem recommendada pelo calor das opiniões liberaes, que patenteou no collegio seu irmão Jorge Benedicto Ottoni propondo e conseguindo que effectivamente se demolisse o padrão de supposta infamia levantado em 1791 sobre as ruinas da casa arrasada do patriota Tira-Dentes.

O diploma de José Eloy Ottoni não chegou a tempo de que elle tomasse assento nas côrtes, e em cartas de 1822, escriptas ao dito seu irmão Jorge Benedicto Ottoni, lamentava o deputado eleito essa falta, pois que, dizia, conhecendo a *intriga do Rio de Janeiro*, poderia ter sido de alguma utilidade que a sua voz se levantasse nas côrtes. A historia explicará um dia o que significa essa *intriga do Rio de Janeiro* a que alludia José Eloy, e saberão os vindouros que, se o principe da Beira (o Sr. D. Pedro I) fez a principio opposição aos decretos das côrtes de Lisboa, foi isto em maxima parte filho de suggestões dos homens do velho regimen, que pretendião derribar as novas instituições portuguezas e nada mais, e que, se depois S. A. R. se achou em rebellião aberta contra o seu paiz natal, e assim veio a ser naturalmente o protogonista da independencia do Brazil, a isso foi arrastado antes pela torrente dos acontecimentos do que por impulso da propria vontade.

Foi por falta de meios pecuniarios que José Eloy Ottoni

demorou até 1825 o seu regresso ao Brazil; mas saudou de Lisboa a independencia em lindas poesias, e notadamente em uma serie de quadrinhas glosando o mote — *Viva a bella Brazileira* — com referencia á bandeira auri-verde que tremulára quasi nas aguas do Tejo, içada a bordo da fragata *Nitherohy*, commandada pelo distincto e valoroso Taylor. Quando José Eloy aportou ao Rio de Janeiro vindo de Lisboa, Francisco Villela Barbosa, depois marquez de Paranaguá, o qual tinha voltado em 1823 para o Brazil, depositario, conforme então se disse, de instrucções secretas d'el-rei, e que pondo-se á frente de uma cabala contra o ministerio Andrada, fôra um dos principaes fautores da ominosa dissolução da assembléa constituinte, era ainda ministro poderoso, não omnipotente, porque não os teve o Sr. D. Pedro I. Villela quiz despachar immediatamente official de secretaria da marinha o seu velho amigo, mas objecções apparecêrão *ab alto*, e estas objecções erão todas tiradas do soneto de 26 de fevereiro de 1821, repetido no theatro em presença de el-rei.

Como amigo do poeta, Villela lhe fez sentir que era mister destruir as desagradaveis impressões que havião a seu respeito.

Foi mister que o poeta estudasse as diversas combinações de idéas que se poderião obter com as phrases do seu soneto, e que fosse bem feliz em deparar no penultimo verso com os agradecimentos dados á — Invicta Mão — (a da Providencia) que libertava o povo portuguez. Recordou-se de que em 1821 não faltára quem attribuisse ao principe consideravel interferencia no movimento de 26 de fevereiro. Recorreu ao mestre Horacio, e na Arte Poetica encontrou a regra do

— Pictoribus atque poetis
Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.

Usando, pois, dessa liberdade, mediante os dados expostos, substituio a Providencia pelo principe, e assim facil lhe foi aceitar um memorial justificativo do seu fatal soneto. Levou-o pessoalmente ao lugar donde havião partido objecções contra o despacho. O expediente sortio o desejado effeito, porquanto o memorial baixou á secretaria com a nota escripta por letra mui conhecida — JUSTIFICADISSIMO.

E com o memorial assim annotado baixou igualmente o decreto que nomeava a José Eloy official de secretaria da marinha.

Mais de vinte annos de vida de pretendente tinhão-se passado antes de obter o nosso poeta um meio honesto de subsistencia fixa; e no entanto estava elle ausente de sua familia, a quem nunca quizera privar de um ceitil sequer da modesta herança paterna que a ella coubera; estava oberado de dividas para com alguns amigos, e com a perspectiva da velhice que batia á porta.

Em taes circumstancias aceitou a posição que se lhe offerecia, resolvido a ser unicamente official de secretaria, e a exercer o emprego como se na mesa do seu trabalho estivessem escriptos os versos que Carlos V, quando abdicou a corôa, mandou gravar á porta da humilde cella a que se acolhêra:

Inveni portum: spes et fortuna valet;
Sat me ludist, ludite nunc alios.

Era então a secretaria da marinha uma das que mais emolumentos percebia, e José Eloy Ottoni pôde cedo desempenhar-se, retribuir generosamente a todos os amigos que precisavão, e que lhe tinhão valido na desgraça, e repartir com sua familia, bem que ella não necessitasse, o producto do suor de seu rosto. Por vezes, então, supplicou a sua senhora para lhe vir fazer companhia o resto da vida, e a virtuosa senhora, bem que já maior de sessenta annos, abalançou-se a sahir de Minas-Novas com destino ao Rio de Janeiro; mas a fractura de uma perna, no primeiro dia de jornada, pareceu-lhe um aviso da Providencia, e ella ficou preenchendo outros deveres, igualmente sagrados, junto de seus filhos e netos. Logo que lh'o permittirão os recursos da sua bolsa, José Eloy Ottoni estabeleceu diversas pensões mensaes a familias pobres, e no dia primeiro de cada mez era exactissimo no pagamento dessa divida.

Occupava-se em exercicios quotidianos de devoção, e no estudo e paraphrase da Escriptura Sagrada.

Monarchista quanto á fórma, era José Eloy Ottoni republicano pelas suas virtudes e simplicidade de costumes. O seu desapego de todas as distincções que traz comsigo a monarchia era tal, que cabendo-lhe o habito de Christo, como official de secretaria, renunciou a graça em seu filho.

E não obstante não foi menos grato do que Virgilio á mão

que lhe dera arrimo para a velhice, nem deixou de exclamar muitas vezes na linguagem das Musas:

Oh! Melibœe, Deus nobis hæc otia fecit.

Depois do seu despacho para a secretaria, algumas vezes apparecia nas audiencias imperiaes, nunca mais para solicitar, senão para mostrar a sua gratidão; conquistou a estima do Sr. D. Pedro I, que por vezes lhe fez a honra de escrever do proprio punho, dando o assumpto de poesias que lhe encommendava, e que ião sempre a seu gosto. Tal foi o pedido do distico latino commemorado ha dias n'um jornal desta côrte, ácerca do qual se deu o seguinte. O fallecido senador Gomide offerecêra para um retrato do imperador este distico:

Braziliæ salvator adest hic maximus heros;
Eterno Petrus nomine notus erit.

« Sr. José Eloy *(escreveu o Sr. D. Pedro)*, Gomide deu-me esses versos para inscrever n'um meu retrato, mas acho-lhes muitos palavrões, e quero um distico seu. » A resposta forão estes dous versinhos:

Effigies vera loquitur, cum facta loquuntur:
Consule Braziliam, Petrus ubique sonat.

E os entendedores decidirão entre as duas composições.

Nas festas do casamento imperial, em 1829, mandou S. M. pedir ao seu poeta favorito versos sobre a tão fallada rosa, que originou a *Ordem da Rosa*, e especificou igualmente a exigencia de um versinho portuguez para cada quadro que figurava nas diversas faces de uma columna elevada no Rocio, rodeada pela parte superior de um listão com as estrellas das armas nacionaes. E' escusado dizer que o poeta condescendeu com o desejo imperial em todas as suas partes. Um dos quadros da columna do Rocio representava a cidade de Olinda, e tinha esta inscripção dada por José Eloy:

Com as estrellas do cruzeiro
Quando assim te identificas,
Tu ganhas novo esplendor,
Olinda *mais linda ficas.*

A monotona existencia dos ultimos vinte e seis annos da vida do nosso poeta dão pouco assumpto ao seu historiador para entrar em maiores desenvolvimentos. E demais, ouso lisongear-me de ter escripto quanto é sufficiente para demonstrar que o Brazil perdeu, no dia 3 do presente mez de outubro, um filho que honrou a sua patria. Tenho concluido.

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1851.

Rio de Jan. Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp. — 1851.